

**MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA, RESILIÊNCIA E CRIANÇAS:
NARRATIVAS EM ASSENTAMENTOS URBANOS NA PERIFERIA
DE NATAL - RN**

Blenda Carine Dantas de Medeiros
Graduanda em Psicologia – UFRN
blenda_carine@hotmail.com

Thiago Matias de Sousa Araújo
Mestrando em Educação/PPGED – UFRN
sousaaraujo@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marlos Alves Bezerra
Docente do Departamento de Psicologia – UFRN –
marlosdoc@yahoo.com.br

Apresentação

O assentamento Anatólia de Souza Alves, localizado no bairro do Guarapes, Zona oeste da cidade de Natal-RN, apresenta um contexto de vulnerabilidade social e situação de risco. A ocupação no espaço onde hoje é o assentamento Anatólia iniciou-se em julho de 2010, onde há cerca de 270 famílias vivendo em busca do direito à habitação (Lima, 2011). O assentamento possui este nome em homenagem à potiguar Anatólia de Souza Alves, uma das vítimas da repressão política ocorrida no período da Ditadura Militar no Brasil, que compõe a lista de potiguares mortos e desaparecidos políticos desta época (Capistrano, 2010).

O trabalho realizado se inscreve em uma experiência de extensão universitária com vistas ao desenvolvimento comunitário, qual seja o programa de extensão Germinal, que envolve profissionais e estudantes de diversas áreas numa perspectiva de trabalho interdisciplinar. O objetivo de tal interdisciplinaridade é o de potencializar as ações sociais e culturais já existentes no bairro, trabalhando em parceria com atores e moradores atuantes no bairro, de formar a construir coletivamente propostas de

desenvolvimento comunitário sustentável após o término do programa (Germinal, 2011).

As ações do programa no assentamento são realizadas com dois públicos: mulheres e crianças. O trabalho em questão trata das atividades com as crianças do assentamento, tendo sido realizada uma primeira atividade com aproximadamente vinte crianças e adolescentes, de idades entre três e treze anos. Para tal atividade, houve planejamento e participação de estudantes dos cursos de Psicologia, Direito e Comunicação Social, sob supervisão e orientação de um professor do curso de Psicologia.

Metodologia

Na perspectiva do desenvolvimento comunitário e do protagonismo dos sujeitos, deve-se considerar como característica própria do ser humano sua busca por ir além, por “ser mais”, como preconiza Paulo Freire. A observação de como se organizam as relações no espaço em questão, para constatar como estes sujeitos são capazes de intervir na realidade, é algo imprescindível ao se trabalhar em vias do desenvolvimento comunitário. O bairro Guarapes, do qual o assentamento faz parte, é um bairro cujas relações sociais apresentam diversas determinações limitantes, negando-se o direito de “ser mais” a muitos dos que estão imersos nesse contexto.

Assim, torna-se objetivo das ações provocar questionamentos e possibilitar a sistematização de saberes e informações, mantendo o respeito às diferenças e a autonomia desses sujeitos. Enquanto propositores de atividades de extensão, pessoas que vem de um determinado contexto e se inserem em uma realidade totalmente diferente, é importante manter uma postura de respeito e abertura, estimulando a percepção crítica e compreensão do contexto em que estão inseridos (Freire, 1996), desafiando-os a perceber as possibilidades de mudança.

A primeira oficina objetivou a articulação entre a realidade vivenciada por aquelas crianças e adolescentes, e as possibilidades de saúde ali presentes, de forma a minimizar problemas de saúde tão presentes naquele espaço – realidade observada em visitas anteriores ao acampamento – e diante das escassas condições de tratamento, seja por falta de recursos financeiros para o tratamento, seja pelas condições precárias do sistema de saúde municipal.

Nessa perspectiva, e pensando na possibilidade de realização de uma ação continuada, o conhecimento da realidade local foi reforçado como um dos principais

focos da ação. Assim, a oficina foi organizada nas seguintes etapas: apresentação das crianças, em que diziam nome, idade e série escolar; brincadeira de mímica direcionada para ações de cuidado e o significado de saúde para eles; divisão em grupos para encenação do cotidiano dos participantes; e dinâmica sobre os sonhos dessas crianças, com foco no que gostariam de realizar naquele momento.

Desenvolvimento

Ao trabalhar sobre saúde, as crianças e adolescentes colocaram questões básicas relacionadas à saúde, como cuidar da alimentação, processos básicos de higiene – escovar os dentes, tomar banho –, tomar vacinas e medidas contra doenças. No entanto, elas também demonstraram um conhecimento mais amplo, atribuindo à saúde não só o bem estar físico, mas o “conseguir ler um livro grande”, ou o fato de que “não precisa a mãe dar [bater], só conversar”. Com isso, foi reforçado o cuidado consigo e com o próprio corpo, necessários para permanecerem saudáveis.

As atividades de teatro e a dinâmica dos sonhos possibilitaram um bom conhecimento da realidade vivenciada pelos participantes. Para a encenação foram organizados três grupos divididos por faixa etária. Cada grupo teve o auxílio de uma estudante, sendo uma delas graduanda em Direito, e as demais em Psicologia. Depois de organizada a encenação, cada grupo apresentou para os demais a cena ensaiada.

O primeiro grupo, composto por crianças entre quatro e seis anos, e uma de nove anos, encenou cronologicamente as atividades rotineiras que realizam, dentre elas: tomar banho, escovar os dentes, ir pra escola, almoçar, brincar, assistir televisão, dormir. O segundo grupo, formado por crianças com idade entre cinco e nove anos e uma de três anos, apresentou as brincadeiras que mais gostam e as atividades que mais praticam no assentamento. Surgiram brincadeiras como o “bagunçar”, que se caracteriza por bater nos demais, jogar pedras e afins; o “black”, semelhante ao baseball, mas utilizando um tijolo ou pedra no lugar da bola; e polícia e ladrão.

Já o terceiro grupo, formado por crianças entre sete e dez anos, e um adolescente de treze anos, trouxe situações mais emblemáticas de violências que aconteceram no espaço do assentamento. Dentre as situações que eles apresentaram, uma delas envolvia a morte de dois policiais que invadiram o assentamento em busca de um prisioneiro; a outra se deu pela expulsão de um dos assentados, conhecido como “o brechador”, por ter estuprado duas garotas pré-adolescentes do assentamento, sendo esta a única punição que o mesmo recebeu.

O momento dos sonhos encerrou a tarde de atividades. Nela, algumas crianças trouxeram como desejo de realização a garantia de direitos fundamentais, dentre eles o direito à moradia, à convivência familiar e à profissionalização. Este último apareceu tanto em termos de acesso a um ensino superior, realidade distante para a maioria dos jovens daquela comunidade, o que implica anteriormente um direito à educação de qualidade; como também no desejo de uma carreira de jogador de futebol, profissão na qual há relatos frequentes de jovens das periferias ou em precárias condições de vida que ascenderam socioeconomicamente a partir do futebol.

Muitos dos sonhos envolviam a vontade de ganhar uma casa; um dos garotos inclusive colocou que podia ser “em qualquer lugar do Brasil”. Ao serem questionados sobre os seus sonhos muitas crianças colocavam uma possibilidade de ajudar a mãe. Quando questionados sobre o que fazer com o dinheiro – principalmente nas falas que envolviam carreiras, eles expressavam o desejo de ganhar muito dinheiro –, as respostas iam no sentido de comprar aparelhos eletrônicos, bens materiais, mas principalmente, de poder dar o dinheiro à mãe. Garantias ainda mais elementares também surgiram nos relatos, como o desejo de que a irmã fosse feliz, e que voltasse a morar com a família.

Resultados Alcançados

A experiência de intervenção com crianças de um assentamento urbano levou à percepção de desafios teórico-práticos para a psicologia, tanto durante o planejamento como na execução das atividades, quais sejam: discussão sobre direitos humanos com crianças; a discussão de práticas de atenção psicológica em assentamento; e o desenvolvimento de dispositivos que concomitantemente fossem produtores de conhecimento para pesquisadores quanto de reflexão para os sujeitos das intervenções sociais.

Como consequência direta da intervenção está o questionamento do que pode um profissional de psicologia trabalhando com demandas sociais. Nesse sentido, explora-se a recursividade e a tensão entre um saber-fazer e um saber-pensar. Discutem-se também os modos através dos quais se formula e se contratualiza uma demanda de coletivos sociais explicitando-se a natureza político-metodológica dos vínculos construídos entre profissionais e os segmentos da sociedade organizada.

Vale ressaltar ainda que atividades práticas de atuação, que se configuram como a atividade aqui relatada, tornam-se de grande valia para estudantes de graduação em formação fora dos limites da universidade. O que equivale a dizer que nos exigiu

concatenar uma “arte de fazer” (conhecimento técnico) a uma “arte de pensar” (Certeau, 1974).

Referências

- Capistrano, Luciano Fábio Dantas. O Golpe Militar no Rio Grande do Norte e os Norte-RioGrandenses morto e desaparecidos: 1969-1973. Natal: Sebo Vermelho, 2010.
- Certeau, M. A Invenção do Cotidiano. Vozes, vol. 1 e vol. 2. 1974.
- Freire, Paulo. Educação e Mudança. 34 ed. Ver. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- Freire, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Germinal - Construção coletiva por um programa de desenvolvimento comunitário sustentável. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. 2011.
- Lima, Bruna Massud de. Direito à moradia e movimento social urbano: o Leningrado e a conquista do território natalense. XIV Encontro nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, Brasil. 2011.